



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de atos e lançamento de programas em Belém do
Pará**

Belém – PA, 30 de maio de 2008

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Pará,

Meus queridos companheiros governadores. Cumprimentando a nossa governadora Ana Júlia, estarei cumprimentando todos os governadores que vieram participar deste Pacto, assinado por eles,

Meu caro companheiro Prefeito da cidade de Belém,

Meus companheiros Ministros,

Prefeitos do estado do Pará,

Representantes da Justiça,

Nosso Arcebispo,

Vocês viram que eu desprezei o meu discurso, porque esta gente está aqui desde as 8h da manhã, e de vez em quando nós precisamos diminuir o “pac” das palavras e fazer as coisas mais curtas.

Eu quero pedir desculpas por duas coisas: primeiro, porque o Brasil não estava habituado, nesses últimos 30 anos, a ver um governo visitar cada estado da Federação para assinar projetos, dar ordem de serviço, assinar contratos com prefeitos de qualquer partido político. Eu não quero saber se é do PT, do PSDB, do PFL, do PMDB. O que eu quero saber é que essas pessoas foram eleitas, bem ou mal, e essas pessoas representam os interesses da comunidade, e nós trabalhamos para a comunidade e não para o prefeito ou para o governador. É a comunidade e a necessidade do povo que nos fazem assinar compromissos.

A segunda coisa: me desculpem retratar uma preocupação minha, como



companheiro, se é que eu posso tratá-los como companheiros. A imprensa está ali. Ali tem imprensa de cidades pequenas, tem imprensa das principais capitais do País e tem a imprensa da capital deste estado. Qual é a preocupação? A minha preocupação é que nós viemos aqui, e esta é a última grande capital brasileira que eu visito. A partir de agora eu vou esperar passar o processo eleitoral para voltar a visitar, porque eu quero voltar aos estados inaugurando escolas técnicas e universidades, inaugurando estradas, ferrovias, hidrovias, portos e aeroportos. Mas esta é a última cidade grande que eu estou visitando nessa fase de urbanização de favelas e saneamento básico.

Agora, qual é a minha preocupação? Eu não seria honesto com a minha história, com a minha relação de amizade com vocês se eu não dissesse o que vou dizer agora. Amanhã, a minha preocupação é que, em vez de a imprensa retratar que nós viemos aqui dizer que o PAC tem 17 bilhões de reais para este estado até 2010, anunciar que tem bilhões e bilhões para investimento em obras necessárias para este estado; em vez de a imprensa retratar o Territórios da Cidadania, que só para o estado do Pará é mais de 1 bilhão de reais; em vez de a imprensa retratar que nós viemos aqui resolver um problema crônico de saneamento básico, urbanização de favelas, tirar gente que mora em alagados, a imprensa vai dizer: “O pessoal do PT vaiou o prefeito e o pessoal do prefeito vaiou a governadora”. Será esta a manchete amanhã. Ninguém vai saber do dinheiro que nós viemos aqui anunciar. Isso tem acontecido em outros estados, eu tenho viajado muito e isso tem acontecido. Fui a São Paulo, agora, anunciar um plano de 276 milhões para uma favela. A matéria era que o governador de São Paulo tinha sido vaiado.

Nós estamos exercitando a nossa democracia até às últimas consequências, mas aqui na região Norte deste País, eu aprendi uma lição de vida. Foi lá em Parintins. Eu fui ver o Caprichoso e o Garantido. Eles são adversários o ano inteiro, mas no dia da apresentação, quando o Vermelho está se apresentando o Azul fica duas horas em silêncio. E quando o Azul está



se apresentando, o Vermelho fica duas horas em silêncio. Ali é o espaço da sociedade, não é o espaço de uns poucos.

Aqui nós estamos num ato institucional, nós estamos num ato em que o governo federal está devolvendo aos municípios e aos estados brasileiros o dinheiro que arrecada, para que a gente possa concluir as obras. A partir do dia 6 de junho, quem for candidato a prefeito não pode mais subir no palanque, não pode inaugurar obras – então vai ficar mais fácil de a gente fazer os atos –, senão a Justiça Eleitoral cassa o candidato a vereador, a prefeito que subir no palanque. Então, a partir do dia 6 de junho a gente não vai ter mais essa disputa que a gente tem visto pelo Brasil afora.

A segunda coisa que eu queria falar para vocês – para os trabalhadores, para as trabalhadoras, para os empresários, para os deputados federais, para os deputados estaduais, para os secretários municipais e de governo – é uma coisa que eu considero extremamente importante. A minha geração... Eu tenho 62 anos de idade. Pensei que alguém iria gritar “não parece”. Já vou sair frustrado daqui. Noutro dia eu estava em um ato, e falei “eu tenho 62 anos de idade”. Aí, uma moça falou: “Não parece”. E eu falei “mentirosa”.

Uma coisa que é muito importante a juventude compreender é que a minha geração – e comecei a fazer política em 1969, portanto já faz quase 40 anos que estou na vida política – não teve o prazer de viver o momento que está vivendo o Brasil de hoje. Eu fui, possivelmente durante algum tempo, o mais importante dirigente sindical deste País. Durante algum tempo eu fiz as greves mais importantes deste País, e nunca tive o prazer de ganhar um aumento real de salário, porque a inflação estava a 83%, 90%, 70%, 80%. A gente não conseguia repor sequer a metade da inflação. Naquele tempo, o Estado brasileiro tinha perdido a capacidade de investir. O último investimento que o Estado brasileiro tinha feito, foi exatamente no governo Geisel, de 1975 a 1980. E, por conta dos investimentos feitos pelo governo Geisel – que gastou dinheiro que a gente não tinha, acreditou no baixo valor do dólar, tomou



dinheiro emprestado –, quando acabou a metade das obras, o dólar subiu, os juros subiram e nós ficamos com uma dívida, que passamos de 1980 a 2000 – portanto, 20 anos – vendo este País não crescer, não gerar empregos e não ter nenhuma obra de infra-estrutura. Vinte anos é uma geração que este País praticamente jogou fora.

O momento que nós estamos vivendo agora, possivelmente seja um momento de sorte. Os meus adversários dizem: “O Lula tem sorte”. Aliás, eu tenho tanta sorte, que ontem aconteceram duas coisas boas. Uma empresa de avaliação de Risco País do Canadá nos deu, outra vez, *investment grade*. Ninguém sabe o que é *investment grade*, é uma palavra chique que só meia dúzia aqui conhece bem. Mas é o seguinte: é como se vocês fossem a uma loja, e quando fossem fazer o cadastro, não tivessem condições de ter crédito porque estavam desempregados, porque o salário não batia, porque vocês estavam devendo muito no mercado. Se você estiver nessa situação, você não tem *investment grade*. Se você for uma pessoa que trabalha, que está com o seu salário em dia, que está com as suas contas em dia, e vai a uma loja e eles percebem que a sua renda dá para pagar a prestação, aí você merece o *investment grade*. Você é uma pessoa que está em condições de estabelecer novos créditos e receber novos empréstimos.

Então, o Brasil conseguiu essa coisa simples – que eles transformam em *investment grade* – que quando fala na televisão, a gente não sabe o que é. A gente sabe que é bonito falar *investment grade* – eu nem sei falar o *grade* direito, a minha boca não entorta para falar o “R” meio inglês. Mas nós, ontem, além de termos a segunda agência reconhecendo o País como um país com grau de investimento, nós tivemos uma outra notícia à tarde, também por sorte minha: a Petrobras encontrou mais uma reserva de petróleo em São Paulo, na divisa com o Paraná.

Tudo isso é sorte, mas se a gente não tivesse trabalhado duro para consertar a economia brasileira, para controlar a inflação... Vocês sabem o



quanto nós sofremos em 2003. Em 2003, muitos companheiros petistas até pensaram em sair do PT. Nós tivemos que fazer um ajuste duro e eu não fiz nada mais do que eu faço na minha casa, nada mais do que eu faço nos meus 30 anos de casamento com a dona Marisa. Eu só gasto aquilo que eu posso gastar, só dou um presente para o meu filho quando eu tenho dinheiro para comprar. Não adianta pedir porque se eu não tiver, não dou e não vou mentir. E este País foi governado com mentiras por muito tempo. Na época das campanhas eleitorais os governantes gastavam o que não tinham, prometiam o que não podiam fazer e passavam décadas e décadas... E o povo só assistindo a sua situação piorar na periferia deste País.

Por que tem tanta favela nesta cidade? Por que tem tanta em São Paulo? Por que tem tanta no Rio de Janeiro? É porque, durante 50 anos, os administradores públicos deste País foram irresponsáveis, e muitos políticos ainda faziam questão de incentivar as pessoas a irem morar nas encostas dos morros, na beira de córregos, porque precisavam do voto. Na verdade, se nós tivéssemos agido com cuidado quando chegaram as primeiras 30, 50 pessoas em um lugar inadequado para morar, ficaria muito barato a gente não deixar aquelas pessoas ficarem lá e levá-las para um outro lugar. Mas a gente deixou 30, depois mais 30, depois mais 100, depois mais 1000, depois mais 5000 pessoas. Dali a pouco tinha uma cidade, e aí virou um problema social que a gente não podia mexer mais.

Então, minhas companheiras e meus companheiros, nós estamos fazendo um processo de reparação neste País. Estamos tentando acabar com as palafitas, estamos tentando urbanizar e dar condição de moradia nas favelas deste País, para que nunca mais seja chamada de favela, mas seja chamada de vila, de bairro e de cidade e não de favela, de forma degradante, para prejudicar moralmente as pessoas que lá moram. Estamos fazendo um processo de recuperação com os milhões de brasileiros que vivem à base de um candeeiro. Quem nasceu na cidade não sabe o que é morar em uma casa



sem luz, quem nasceu no asfalto não sabe o que é uma rua sem asfalto, sem meio-fio, sem guia, sem sarjeta.

Esses dias fui a Manaus, meus companheiros governadores. Eu estava com o Eduardo Braga e com o prefeito Serafim. Uma senhora de 50 anos de idade pediu para me abraçar e para me agradecer, porque aos 50 anos nós estávamos dando para ela a chance de, pela primeira vez na vida, tomar um banho de chuveiro porque levamos água à casa dela.

São essas coisas que se permitiu acumular no País, e nós queremos fazer um processo de reversão. Por isso é que nós, os prefeitos, os governadores, o presidente da República, os deputados, precisamos evitar que essas coisas continuem acontecendo. É mais barato evitar que aconteça, é mais barato cuidar no começo do que deixar se transformar em vilas.

Mas também é verdade que tem político que não sabe fazer discurso se não tiver miséria em sua frente. É bem verdade que tem gente que precisa ver uma pessoa bem miserável para poder ter vontade de fazer discurso. Na verdade, o que nós precisamos não é fazer apologia à pobreza, mas dizer aos pobres que eles não têm que ser tão pobres, que eles têm que melhorar de vida, que eles têm que ter acesso às coisas neste País, que é um país rico. É um discurso mais fácil.

E nós viemos aqui para dizer ao povo deste querido estado do Pará que estou aqui sem que a Ana Júlia e o Prefeito tenham me convidado para almoçar. Está certo que a culpa foi do meu cerimonial, porque daqui eu vou para a Itália. Mas pelo menos um pedacinho de pato no tucupi, um tucunaré, um tambaqui para eu levar. O tal do pirarucu pescado lá no Marajó, poderia levar, não tem problema. Vou sentido, mas não magoado. Vou, na verdade, com um pouco de inveja de não ter comido um pato no tucupi aqui hoje.

Pois bem, meus companheiros e companheiras, eu agradeço a Deus por este dia. Agradeço a Deus porque o Brasil está vivendo um momento em que a gente já não discute mais, como discutíamos há 20 anos sobre a questão da



dívida externa. De 1980 a 2000, eu duvido que tivesse um discurso, neste País, de qualquer partido ou de qualquer político, de qualquer sindicalista, que não falasse da dívida externa. Hoje nós não devemos nada ao FMI e não o queremos aqui. E não precisamos fazer bravata. Há cinco anos, todo final de ano este País tinha que correr para pedir dólar emprestado, para poder fechar sua conta. Com muito cuidado, hoje nós temos 200 bilhões de dólares de reservas.

Tem uma crise nos Estados Unidos, tem uma crise na União Européia, foram bilhões e bilhões de dólares que dançaram na ciranda financeira. Até agora, nós estamos tranquilos. Tem uma crise de alimentos. Os preços dos alimentos estão subindo e, graças a Deus, eu não vejo isso como problema, eu vejo isso como uma solução, porque este País tem terra, este País tem água, este País tem sol e este País tem tecnologia e gente que sabe plantar.

Se tem mais chinês comendo, se tem mais indiano comendo, se tem mais africano comendo, se tem mais nordestino comendo, ou se tem mais paraense comendo, não vamos reclamar, vamos plantar, produzir, para que a gente possa levar comida a quem quiser comer.

É por isso que o meu Ministério do Desenvolvimento Agrário apresentou uma proposta para resolver esse problema do alimento. E nós vamos, sim, com a agricultura familiar, incentivá-la, financiá-la, vamos levar assistência técnica, porque se depender deste País ninguém vai passar fome no mundo, se depender deste País, nós temos condições. Querem comer pato no tucupí? Nós sabemos produzir. Querem comer feijão com arroz? Nós sabemos produzir. Querem comer broa de milho? Nós sabemos produzir. Querem comer açaí, venham aqui para o Pará que vai ter açaí para vocês comerem.

Nós temos que ver, nessa crise, uma grande oportunidade, deste País dar mais um salto de qualidade. Nós já temos uma agricultura empresarial que não perde para nenhuma agricultura no mundo. Agora, precisamos fazer a nossa agricultura familiar disputar com qualquer país do mundo que tenha



agricultura familiar, porque nós temos o que eles não têm, e temos hoje a disposição política de fazer.

É por isso que nós criamos um PAC de Ciência e Tecnologia e colocamos 41 bilhões e meio de reais, até 2010, para a ciência e tecnologia; é por isso que fizemos um PAC da Embrapa e colocamos, até 2010, mais 1 bilhão de reais na Embrapa; é por isso que estamos abrindo uma sede da Embrapa na África; é por isso que estamos abrindo na Venezuela, vamos abrir na América Central. Nós queremos fazer com que o mundo possa usufruir da mais importante tecnologia de agricultura tropical já conhecida, que é feita por esses humildes cidadãos que são tratados como se fossem terceiro-mundistas, homens e mulheres deste glorioso país chamado Brasil.

Este País vive um outro momento. Eu quero dizer na sua frente, Ana Júlia, e na frente do povo. Escuta o que eu vou dizer, não é promessa: eu não sossegarei um dia – eu tenho mais dois anos e sete meses de governo – enquanto a Vale do Rio Doce não fizer uma siderúrgica aqui neste estado, para transformar o minério em aço e colocar valor agregado aqui. Não é possível que a gente não desenvolva este estado, do ponto de vista industrial; não é possível que só saia minério de ferro daqui e que não fique aqui uma indústria pesada, que possa ajudar este estado a entrar no rol dos estados industrializados.

Por isso, meus companheiros e companheiras, nós vivemos este momento de ouro no Brasil. E este momento de ouro, nós estamos trabalhando para que não volte atrás, porque o Brasil também já voltou atrás. O Brasil já teve momentos excepcionais. Na década de 70, a economia chegou a crescer 10,3% ao ano, chegou a crescer 14% ao ano, em 1973. Mas quando terminava esse crescimento, a gente ia medir a qualidade de vida do povo, e o povo pobre estava mais pobre e o rico mais rico. Nós queremos que haja uma partilha dessa riqueza que estamos ajudando a construir. Faz três anos que o movimento sindical brasileiro... 96% conquistam aumento acima da inflação. Já



foram 10 milhões de empregos de carteira profissional assinada. Só um dado para vocês: havia – e aqui deve ter empresários da construção civil – 26 anos, neste País, que a construção civil só desempregava. Faz dois anos que ela só emprega, e nós queremos recuperar o nível de oferta de empregos da construção civil neste País. Só na categoria metalúrgica, a que eu pertença, nós perdemos mais de 1 milhão de vagas neste País, em 26 anos. Já recuperamos 800 mil vagas e vamos recuperar mais.

Nós queremos gerar empregos para as mulheres. É por isso que estamos fazendo 214 escolas técnicas profissionais. É importante que as pessoas não percam de vista este número. Em 93 anos, de 1909 a 2003, desde a primeira escola técnica feita por Nilo Peçanha, na cidade de Campos de Goytacazes, no Rio de Janeiro – em 100 anos, praticamente –, eles construíram 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos construir 214 escolas técnicas profissionais neste País.

Antes de deixar o governo, vamos inaugurar 10 universidades federais novas, vamos inaugurar 48 extensões universitárias. O ProUni já colocou 400 mil alunos da periferia na universidade, dos quais 40% são negros. O Reuni vai colocar mais 400 mil jovens até 2010. E é investindo na educação que a gente vai garantir que este País deixe de ser um mero importador de produtos, de grãos ou de minério, mas que seja exportador também de valor agregado, de inteligência e de conhecimento, que nós vamos transformar, nas nossas fábricas, nas nossas fazendas, para que o mundo aprenda que o Brasil não jogará fora a oportunidade que ele está tendo no século XXI.

O século XIX foi da Inglaterra, o século XX foi dos Estados Unidos e da União Européia. O século XXI não vai ser só da China ou da Índia, porque o Brasil está nessa disputa para se transformar numa grande nação.

Vocês estão lembrados de que quando tomei posse, em 2003, eu falei: vou começar fazendo o necessário, depois vou fazer o possível, e vamos terminar fazendo o impossível. Muitas coisas que estão acontecendo hoje,



muitos teóricos, neste País, não imaginavam que pudesse acontecer.

E eu dizia, na minha cabeça, uma coisa: eu não podia fracassar. Se um grande advogado, um grande empresário, um grande médico, ou um grande professor fracassa, eles sempre governaram o País, isso não tem muito problema. Eles vão tirar um ano, vão fazer um curso aqui no Brasil, vão fazer pós-graduação, ou vão trabalhar numa fundação, e está tudo resolvido. Mas, se um peão de fábrica ganha as eleições neste País e não dá certo, a peãozada passa 300 anos para voltar a pensar em chegar à Presidência da República.

O maior legado que eu quero deixar aos 200 milhões de brasileiros não são todas as obras do PAC que eu quero inaugurar, não são todas as estradas que eu quero inaugurar. Isso é importante e necessário. O maior legado que eu quero deixar para vocês é o legado de dizer: cada um de vocês, se quiser, pode ser o que eu cheguei a ser neste País, pode chegar à Presidência da República, pode chegar a governador do estado, pode chegar a prefeito, a vereador. Nós fomos, durante cinco séculos, tratados como cidadãos de segunda categoria. O máximo que nos permitiam, era ir ao palanque bater palmas, lá de baixo. Nós aprendemos a subir no palanque, e o pior é que gostamos. E vamos provar que a gente vai fazer mais do que os outros.

Eu quero me despedir de vocês dizendo ao Prefeito e à Governadora, aos prefeitos aqui, tenham a certeza do seguinte: eu farei qualquer sacrifício, seja remédio amargo... Não foram poucas as vezes em que eu tive que abrir a boca do meu filho caçula e meter remédio na boca dele, ele chorando, mas eu dava porque sabia que era necessário. Estejam certos de uma coisa: eu farei qualquer coisa neste País para não permitir que a inflação volte, porque quando ela voltar, vai quebrar o bolso do povo pobre e trabalhador deste País.

Estejam certos de que nós, do governo, iremos fazer o sacrifício que tivermos que fazer para manter uma política fiscal responsável, para que a gente demonstre aos brasileiros que não vai gastar aquilo que não tem, que



não vai jogar dinheiro fora, e que vai fazer as coisas corretas porque o Brasil precisa de, pelo menos, 15 ou 20 anos de crescimento sustentável para que se transforme numa economia grande e definitivamente saudável.

Toda vez que o povo brasileiro começa a comprar e as empresas não conseguem produzir a quantidade de coisas que nós queremos comprar, a inflação volta, ou aumentam as importações. Então, o nosso papel é manter um certo equilíbrio entre aquilo que o povo pode comprar e aquilo que a gente pode produzir, até que as empresas façam mais investimentos, aumentem mais a produção para aumentar mais ainda o nosso poder de compra.

Uma coisa eu vou dizer para vocês, podem olhar para a minha cara: este País não voltará a ter recessão, este País não voltará a ter o desemprego que nós tivemos durante 20 anos, e este País vai garantir ao nosso povo mais pobre a possibilidade de ascensão, porque somente assim iremos construir um país economicamente rico, ecologicamente correto e sustentável, e socialmente justo para o povo brasileiro.

No mais, muito obrigado, que Deus abençoe a todos vocês, e vamos voltar aqui para inaugurar essas obras.

Um abraço.

(\$211A)